

Coleção de Signos da Comunicação¹

Isabella Barbosa COSTA²

Priscila Monteiro BORGES³

Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Este trabalho surge a partir da inquietação gerada pela questão de como reconfigurar o conhecimento sobre a comunicação de modo crítico e criativo considerando as arbitrariedades dos sistemas racionais, o choque da experiência e a espontaneidade das emoções. Esta enciclopédia visual de signos e verbetes tem como experiência criativa a capacidade de questionar os alicerces do conhecimento por vez estabelecidos e como potência para a imaginar conhecimentos impossíveis, com o objetivo refletir sobre a construção do conhecimento na área de comunicação, reorganizar esse conhecimento, revelar suas insuficiências, imaginar outros elementos que podem integrar à área da comunicação e propor formas não-convencionais para organizá-lo como uma enciclopédia.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; teorias da comunicação; signos; enciclopédia; classificação.

INTRODUÇÃO

Considerando a importância dos sistemas de classificação do conhecimento para consolidar certa ordem ao mundo e pensando como a arbitrariedade definida por uma certa racionalidade é insuficiente para representar a multiplicidade do mundo, propomos a criação de uma enciclopédia visual imaginária da comunicação. A enciclopédia aqui proposta não ignora o conhecimento acumulado pela área da comunicação, mas busca ressignificá-lo a partir de criações imaginárias. Isto é, a enciclopédia como experiência

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 9º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da FAC- UnB, email: isabella.costa29@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da FAC- UnB, email: priscila.borges@fac.unb.br

criativa capaz de questionar os alicerces do conhecimento ora estabelecidos e como potência para a imaginar conhecimentos impossíveis.

Assim como a noção de enciclopédia é muito antiga, a criação de enciclopédias e inventários e bestiários ficcionais faz parte da obra de artistas e escritores contemporâneos (Maciel, 2010). No livro *As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais*, Maciel (2010) chama a atenção para o caráter enciclopédico das obras de Jorge Luis Borges, Georges Perec, Peter Greenaway, Italo Calvino, Arthur Bispo do Rosário, Carlos Drummond de Andrade e Eduardo Coutinho. Poderíamos acrescentar à lista, Haroldo de Campos, James Joyce, Enrique Vila-Matas e Luigi Serafini.

Ao reorganizarem o mundo conforme diferentes critérios, as obras ficcionais desses autores revelam a insuficiência e a arbitrariedade dos nossos sistemas de organização do conhecimento. Suas obras não buscam criar um sistema perfeito, ao contrário, mostram a imperfeição de todos os sistemas e abrem a possibilidade de, já que imperfeitos, pensar novos sistemas.

Esse projeto nasce da inquietação gerada pela questão de como reconfigurar o conhecimento sobre a comunicação de modo crítico e criativo considerando as arbitrariedades dos sistemas racionais, o choque da experiência e a espontaneidade das emoções. A criação da enciclopédia visual de signos e verbetes imaginários da comunicação tem como objetivo refletir sobre a construção do conhecimento na área de comunicação, reorganizar esse conhecimento, revelar suas insuficiências, imaginar outros elementos que podem integrar à área da comunicação e propor formas não-convencionais para organizá-lo em uma enciclopédia.

CLASSIFICAÇÃO

O motivo principal pelo qual o ser humano se julga ser mais especial que os outros seres vivos, é por ter consciência. Por ser consciente, ele quer saber de tudo que o cerca, entender o motivo, significado, importância, onde se encaixa e por que aquilo se sucede. O que gera muita irritação no humano é não ter conhecimento de tudo, e isto faz com que ele tenha medo, repudie, ou crie alguma história para consolá-lo. Um exemplo, é em relação a morte, há várias pesquisas científicas que buscam descobrir como podem prolongar a vida do humano, mas incapaz de tornar-se imortal, o homem cria histórias

felizes que justificam porquê nascemos e morremos e, principalmente, para onde vamos a fim de nos consolar sobre fato tão natural.

Esta vontade de justificar e encontrar resposta para tudo, é totalmente natural, Olga Pombo, apresenta no seu texto “Da classificação dos seres a classificação dos saberes”:

Na verdade, nada nos parece mais "natural", óbvio e indiscutível que as classificações dos entes, dos factos e dos acontecimentos que constituem os quadros mentais em que estamos inseridos. Elas constituem os pontos estáveis que nos impedem de rodopiar sem solo, perdidos no desconforto do inominável, da ausência de "idades" ou "geografias". Só elas nos permitem orientar-nos no mundo à nossa volta, estabelecer hábitos, semelhanças e diferenças, reconhecer os lugares, os espaços, os seres, os acontecimentos; ordená-los, agrupá-los, aproximá-los uns dos outros, mantê-los em conjunto ou afastá-los irremediavelmente. (POMBO, 1988, p.1)

Neste desejo e nesta necessidade de querer aprender e saber sobre tudo, uma “inscrição no desejo - e necessidade primordial - de compreender e ordenar a variedade que nos rodeia” como apresenta Pombo (1988, p.2), que surge o reconhecimento da radicalidade do problema da classificação.

É a partir da vontade de querer aprender mais, que o ser humano passa a classificar o que lhe cerca, o que seria, de forma resumida, categorizar conhecimentos dentro de caixas semelhantes. No próprio texto de Pombo (1988, p.2), ela expõe uma classificação apresentada por Foucault (1966), em que ele denomina este desejo nosso de classificar o óbvio e inquestionável como “códigos ordenadores”, que seriam classificações criadas por nós com o próprio intuito de nos ordenar e acalmar a nossa ansiedade:

Códigos fundamentais de todas as culturas, não no sentido vulgarmente sociológico e relativista de instituições que variam de uma "idade" para outra, de uma "geografia" para outra, mas como aqueles que "fixam logo á entrada, para cada homem, as ordens empíricas com que ele terá que lidar e em que se há de encontrar" (Foucault, 1966: 8), solos epistémicos "onde os próprios conhecimentos enraízam a sua possibilidade" (Foucault, 1966: 10) e onde o olhar minucioso, descritivo, hierarquizador e relacional que torna possível a constituição de todos os saberes encontra o seu próprio princípio de instituição. (POMBO, 1988, p.2)

Maria Esther Maciel em “Do inclassificável e das classificações” afirma que:

verbos como acomodar, agrupar, catalogar, classificar, dispor, dividir, distribuir, enumerar, etiquetar, ordenar etc., nunca deixarão de ser imperativos para a nossa necessidade de fixar as ordens que nos permitam sobreviver ao caos da multiplicidade e da diversidade. (MACIEL, 2009, p.16)

Isto, apenas reforça o que foi apresentado por Pombo (1988, p.2) em sua citação em relação a Foucault (1966), o ser humano tem necessidade, quase um dever interno, de alcançar aquela certeza sobre um determinado assunto ou situação. Isto segue, dentro de um paralelo, a teoria moral de Immanuel Kant. Para ele todo ser vivo tem suas crenças e morais que são determinados por fatores de sua cultura, então, cada ser humano, sabe o que é certo ou errado, contudo, mesmo sabendo sobre isto, ele ainda tem a necessidade de ter um ser superior, uma autoridade, que lhe dê ordem para que o todo, a sociedade, possa viver em harmonia. Pode parecer que não existe ligação, mas mesmo sabendo o que é certo e errado, o ser humano precisa que outro classifique e o afirme. O mesmo segue para as classificações de conhecimento, mesmo vendo que duas flores visualmente são diferentes, mas que permanecem sendo flores, o ser humano viu a necessidade de estudar sobre aquilo, entender e classificar quais são as semelhanças e diferenças, colocando os pares iguais dentro de uma mesma categoria. Isto não é errado, como mesmo Pombo (1988, p.1) aponta “nada nos parece mais ‘natural’, óbvio e indiscutível que as classificações dos entes, dos factos e dos acontecimentos que constituem os quadros mentais em que estamos inseridos.”

Segundo o dicionário, classificar é um verbo, que pode ser transitivo direto, no sentido de distribuir em classes e em respectivos grupos, de acordo com um sistema ou método de classificação, ou com o objetivo de determinar a classe, ordem, família, gênero e espécie, e também pôr em determinada ordem, arrumar, coleções, documentos etc. Assim como pode ser transitivo direto e pronominal com o objetivo de aprovar ou ser aprovado em exame seletivo, concurso, competição etc., transitivo direto predicativo e pronominal na intenção de emitir opinião ou julgamento a respeito de (outrem ou de si); considerar(-se), e por último, transitivo direto, em termos jurídicos, especificar a pena aplicável a um determinado delito ou contravenção.

Esta é uma das formas que classificaram a própria palavra “classificar”. Apesar de ser uma forma bem direta de determinar o conceito, este pontua muito bem várias questões que envolvem este ato. Para Pombo (1988, p.8) classificar é então escolher uma entre outras classificações logicamente possíveis procurando encontrar, para a escolha

feita, um conjunto de razões suficientes. Já para Maciel (2009, p.16), classificar é, antes de tudo, escolher uma entre outras ordenações logicamente possíveis. Observamos a partir destas duas definições apresentada pelas autoras, que classificar não é simplesmente apontar uma resposta para aquela informação, mas sim, analisar dentre as diversas opções qual será aquele que melhor encaixa e que vá gerar memória. Apesar deste ponto não ter sido, neste momento, levantado pelas autoras, nós não apenas classificamos pelo prazer próprio de sentir que tudo segue uma ordem natural, mas também classificamos para gerar conhecimento e principalmente memória. Uma informação só faz sentido lógico para nós, pois alguém antes a categorizou daquela maneira, não de forma livre e arbitrária, mas sim, na ideia de que aquela classificação geraria uma memória e que seria lembrada. É quase a mesma ideia de pedir para alguém pensar em uma caneta e vir na cabeça da pessoa uma caneta azul de tampa azul da marca BIC, isto é memória afetiva, por todavia, as formas que as classificações são feitas seguem o mesmo intuito.

Pombo (1988, p.8) apresenta um pedaço de um artigo de Diderot “*Encyclopédie*”, em que diz: “Quer o universo seja real ou inteligível, há uma infinidade de pontos de vista sob os quais pode ser representado e o número dos sistemas possíveis do conhecimento humano é tão grande como o desses pontos de vista”. Esta “infinidade de pontos de vista”, além de reafirmar o que foi apresentado pelas autoras Pombo e Maciel na identificação de classificação, nos afirma que existe diversos pontos de vistas, assim como, diversos possíveis sistemas de conhecimento, conseqüentemente, existem possíveis diversas formas de organização destes sistemas e pontos de vista.

Visto isto, Diemer (Pombo, 1988, p.2) em 1974 apresenta quatro grandes orientações, apesar de corresponderem a diferentes fases de desenvolvimento histórico da classificação, esta categorização, em especificidade, permanece até hoje, dentre elas são: uma orientação ontológica, reconhecida como classificação dos seres; uma orientação gnosiológica caracterizada como a classificação nas ciências, tais como a biologia, a geologia, a cosmologia, a antropologia ou a tipologia psicológica; uma orientação gnosiológica; classificação dos saberes, este busca pensar a ciência e os produtos da sua atividade, seria mais uma fundamentação no conhecimento científico; e a orientação biblioteconômica e a orientação informacional, que seria a classificação dos livros e das informações, seria a ciência da classificação, este seria um novo domínio científico que tem por tarefa o estudo de todos os possíveis sistemas de classificação.

Apesar do conceito de Diemer (1974) ser um dos principais dentro do campo da classificação, é na Escola de Bruxelas (Pombo, 1988, p. 4) em que Leo Apostel em 1963 apresenta as, consideradas até hoje, cinco características gerais na classificação real, nas quais são:

1) cada classificação tem por detrás um determinado mecanismo classificador que executa, melhor ou pior, as operações necessárias à classificação, 2) cada classificação persegue uma mais ou menos sistemática multiplicidade de fins que, em última análise, vão determinar a sua estrutura, 3) cada classificação exerce-se sobre um domínio da realidade cujas estruturas internas tornam mais ou menos fácil as operações necessárias à classificação, 4) cada classificação constroi-se no contexto das classificações precedentes do mesmo domínio, ou seja, há uma inexorável historicidade das classificações ao longo da qual os domínios classificados podem ser modificados, as divisões podem ser completadas, novos critérios de classificação podem ser acrescentados, 5) para cada classificação existe um produto externo da actividade classificadora que se apresenta como uma árvore genealógica mais ou menos regular, isto é, toda a classificação supõe uma dupla operação: o estabelecimento de equivalências entre classes do espaço classificatório global; o estabelecimento de hierarquias entre subclasses no interior das classes previamente estabelecidas. (POMBO, 1988, p.4)

Provavelmente esta forma de classificar, seja real ou científica, pareça lógica, ou até mesmo comum, ocorre, pois, a classificação está mais dentro do nosso dia a dia que muitas vezes podemos perceber. Georges Perec em seu texto para a Revista Piauí, Notas Breves sobre a arte e o modo de arrumar os livros, nos apresenta a biblioteca, ambiente comum a nós desde nossa infância, ele diz: “Toda biblioteca atende a uma dupla necessidade, que muitas vezes é também uma dupla mania: armazenar determinadas coisas (livros) e arrumá-los de acordo com determinadas normas.” (Perec, 2016, p.1). Pode parecer bobo, por ser um ambiente tão comum, porém, a biblioteca é montada perfeitamente considerando critérios de classificação, os livros seguem uma ordem alfabética, justamente por ser algo comum a nós, tornando mais fácil nossa procura. Com esse mesmo propósito, as prateleiras de assuntos comuns são postas lado a lado. Você não verá uma estante de livros sobre engenharia mecatrônica e ao lado uma de artes visuais, isto gera uma sensação de não pertencimento, de inclassificável. Amir Brito Cadôr em sua tese de doutorado “Enciclopedismo em Livros de Artista: um manual de construção da Enciclopédia Visual” mostra isso: “essa estratégia de livro pensado como biblioteca a atribuição de títulos de obras da literatura, da filosofia e das artes visuais aos capítulos, criando-se uma rede de associações.” (Cadôr, 2012, p.24)

E não apenas bibliotecas têm um sistema de organização para gerar associações, existem documentos que nós próprios fazemos criando uma classificação e uma associação sem ao menos perceber, um exemplo disso é lista de compras. Normalmente, anotamos os produtos de nossa necessidade de acordo com a nossa lembrança, nosso cérebro lembra daquilo que precisamos usando o produto anterior como referência, então, caso o produto anterior anotado for uma maçã, e, o que você necessite a mais seja uma banana, seu cérebro irá encaminhar seu pensamento para a associação similar da maçã, que no caso seria a banana, já que ambos são frutas, do que, por exemplo, associar que você deve comprar cotonete. Cadôr (2012, p.23) apresenta um trecho tirado de Goody (1977) “O arranjo organizado em listas aparece em textos científicos e quase por si mesmo permite antecipar o conhecimento do assunto”, que é basicamente a associação de significações que está presente na criação da classificação.

Um outro exemplo de produto que é um conjunto de associação é a própria enciclopédia que, basicamente, já é uma própria biblioteca, de mais fácil acesso, e este também, é um grande globo de classificações. Maciel (2009, p.23) mesmo apresenta: “o objetivo da *Encyclopédie* não era apenas compor um inventário de informações e referências, mas também definir um método coeso para reunir dados e princípios ainda a seres descobertos, de forma a compor um verdadeiro sistema unificado de conhecimentos.” As enciclopédias surgiram justamente com o objetivo de armazenar conhecimento:

os primeiros pensadores que se dedicaram a classificar os seres, as coisas e os conhecimentos foram também os primeiros enciclopedistas do mundo ocidental. Ao mesmo tempo em que buscaram recolher em um mesmo *topos* todos os conhecimentos disponíveis sobre o mundo, tentaram ordenar, em campos e categorias, todo esse conjunto de saberes. (Cadôr, 2012, p. 66)

Contudo, todas estas formas de armazenamento e classificação de conhecimento, não são únicas, existem diversos sistemas de saberes e pontos de vista, assim como, a classificação gerada parte da ideia de uma pessoa sobre aquele ponto não significa que uma vez classificado permanecerá eternamente assim. “As categorias duram apenas até que, pela força das exceções, das diferenças e das descobertas, tenham que ser revistas e modificadas a partir de novos critérios e divisões.” (Maciel, 2009, p.16). Esta mudança volta no ponto apresentado no início da discussão, sobre a necessidade que o ser humano tem que ter tudo em ordem. No momento que se tem uma mudança em uma classificação,

a anterior se torna inclassificável, o que Pombo (1988, p.1) aponta como uma sensação de “de desamparo, de inqualificável mal-estar, é o facto de ele nos confrontar com classificações insólitas, completamente estranhas às categorias do nosso pensamento.” Contudo, Cadôr (2012) retrata um pensamento mais otimista ao apresentar uma frase retirada do livro de Maciel (2009) ““Os sistemas de classificação colocam em causa o inclassificável, o que não pode ser inserido dentro de uma classe ou categoria, o estranho, extraordinário, inoportuno’ (Maciel, 2009, p. 14). Por outro lado, o inclassificável pode ser inserido em vários lugares ao mesmo tempo.” (Cadôr, 2012, p.56).

É interessante notar que algo que fazia sentido, pode, com o passar do tempo, não ter mais sentido. Entretanto, esta que é a graça da classificação, ela segue a cultura, os tempos e as mudanças, e para gerar uma associação e memória a quem a conhece, ela deve estar sendo atualizada e revisada, para saber se para aquele tempo, aquela classificação faz sentido. Afinal, o que o ser humano deseja é ter o conforto de entender as variedades que o rodeia.

MEMORIAL: A CRIAÇÃO DO PRODUTO

Maciel, em seu livro, *As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais*, menciona que “o objetivo da *Encyclopédie* não era apenas compor um inventário de informações e referências, mas também definir um método coeso para reunir dados e princípios ainda a seres descobertos, de forma a compor um verdadeiro sistema unificado de conhecimentos.” (MACIEL, 2009, p.23). Para compor o inventário dos termos próprios da comunicação, recorremos ao livro *Histórias das Teorias da Comunicação* de Armand e Michèle Mattelart (1999) discutem sobre os primeiros registros de comunicação e apresentam as principais teorias desse saber. Fora destacado, a partir da leitura, duas palavras conceito-chave na comunicação: troca e fluxo. Estas mesmas estão presentes em diversas situações comuns ao cotidiano como, por exemplo, em uma conversa entre amigos, no conteúdo de um livro, no funcionamento de máquinas, entre inúmeros outros. Os termos troca e fluxo foram escolhidos e partindo deles foi feito um processo de *brainstorm* com o intuito de listar referências que poderiam ser associadas a essas duas palavras.

Livros, formigas, folhas, filme de Charles Chaplin, “Tempos Modernos”, telefone, mapas, metrô, cordas vocais, músculos e corrente sanguínea, foram alguns dos elementos levantados durante o processo de *brainstorm*. Com esta lista, o objetivo seguinte era descobrir como visualmente poderia ser representado o conceito de “troca” e “fluxo”.

O primeiro trabalho desenvolvido foi um desenho de parte do corpo humano, especificamente dos músculos, realizado em uma página de tamanho A3 com caneta nanquim, e, ao redor, uma colagem utilizando mapas do território do Distrito Federal. O intuito era conectar as linhas que demarcam as regiões da unidade federativa com os músculos presentes no corpo. Esta conexão, entre as linhas dos mapas com o humano, remeteu a imagem das linhas presentes nas folhas de plantas. A partir deste primeiro desenvolvimento e inspiração, segue para a elaboração de um segundo trabalho experimental utilizando folhas caídas de árvores e caneta permanente. O fim permanecia o mesmo, representar de forma visual os dois conceitos retirados da leitura do livro de Mattelart. Além da associação visual das linhas presentes nas folhas com as linhas da caneta, as linhas das folhas remetiam a um sistema biológico capaz de produzir trocas de nutrientes, trocas gasosas e fluxos de energia na cadeia alimentar estabelecendo, assim, uma conexão mais simbólica para o trabalho.



Fig. 1 - folhas caídas de árvore com desenhos realizados com caneta permanente

O artista Wladimir Dias-Pino, em entrevista sobre o seu projeto “Enciclopédia Visual Brasileira”, contou que usou imagens para representar os verbetes em sua enciclopédia, já que buscava com sua obra quebrar o estigma estadunidense de que enciclopédia pertence ao meio universitário e assim abrir para a cultura. A imagem, segundo Dias-Pino, “é emblemática, não é ordinal, que vem primeiro A, B, C, é cardinal, é um todo, não é uma parcela.” A questão da memória afetiva.

Inspirado em seu trabalho, pensamos na composição visual do trabalho com as folhas desenhadas junto as páginas da enciclopédia, fazendo uma referência direta a um objeto central ao tema discutido. Buscamos por doação de enciclopédias e as encontramos em uma parada de ônibus situada na W3 Norte, onde quatro volumes foram recolhidos. O processo seguinte foi de selecionar os verbetes nas enciclopédias que se relacionavam com os conceitos-chave de Mattelart escolhidos, troca e fluxo. A ideia era compor as folhas desenhadas nas páginas dos verbetes que faziam alguma referência aos termos selecionados, criando uma relação entre texto e imagem e ressignificando, assim, os termos da enciclopédia. Ao procurar referências artísticas para a composição das folhas desenhadas nas páginas encontramos o obra de Louise Bourgeois, *Ode à l'oubli* (fig. 2) que levou a ideia de desenhar nas páginas da enciclopédia. Portanto, além dos desenhos em preto nas folhas de árvore seca, decidimos desenhar com giz pastel oleoso colorido nas páginas da enciclopédia dando mais cor ao trabalho e criando uma relação dos desenhos com os dois tipos de folhas utilizados, as folhas das árvores e as folhas da enciclopédia.



Fig. 2 - Ode à l'oubli de Louise Bourgeois

Escolhemos, então, uma conexão entre as folhas desenhadas e os verbetes escolhidos e planejamos os desenhos coloridos para cada página utilizando o giz pastel oleoso. Ao final temos um trabalho composto por 12 (doze) páginas recortadas de um volume das enciclopédias, o de letra E. Sobre cada página temos um desenho realizado com giz pastel oleoso e uma folha de árvore desenhada com caneta permanente cujos desenhos se conectam com as palavras destacadas que remetem a teoria da comunicação. As folhas foram presas às páginas da enciclopédia por meio de um corte feito com estilete acompanhando a linha do texto da enciclopédia que acaba por também destacar trechos do texto que compõe o sentido criado em cada página. As páginas 12 páginas foram pensadas em conjunto e devem ser dispostas como um grupo composto por 12 páginas em quatro colunas e três linhas. Alguns dos desenhos feitos em giz pastel passam de uma página para a outra, dando ênfase visual ao fato das páginas formarem um conjunto.

Verbetes	Palavras destacadas pelo recorte	Desenho na folha da árvore	Desenho na página da enciclopédia
Estrela	Alta luminosidade	Alfabeto grego	Árvore de flores azuis
Equação química	Significações	Unidades de medida	Pássaro catando flores azuis
Epistolografia	Valor literário	Ondas do mar	Ramos de folhas
Estearina	Matérias-primas e característico	Sinais matemáticos	Perfil do rosto humano
Estatística	Coleção de dados	Pássaros voando	Ramos de flores
Estética	Percepção do belo e estudo da estética	Resolução de um sistema matemático	Homem segurando uma mulher
Escala musical	Experimenta e percepção	Transformação de unidades de medida de comprimento	Mulher segurando um homem
Exército	Transformações sociais e conceito moderno	Caixas organizadas	Casal beijando
Estônia	Língua	Casal beijando	Rosa vermelha
Erros, teoria dos	Variações e condições experimentais	Cadeia de linhas	Diversos tipos de folhas
Estilo	Intuição, expressão e estudos críticos	Roldanas	Grupo de 6 (seis) pessoas
Éster	Produzir	Caixas organizadas	Retrato de duas pessoas



Fig. 3 - Trabalho final



Fig. 4 – Detalhe do trabalho final



Fig. 5 – Detalhe do trabalho final

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As classificações surgem como um modo de organização de fluxo de informação. Pombo (1988, p.2), expõe em sua obra um trecho retirado de Foucault (1966), no qual ele caracteriza que a necessidade de classificar existe como uma forma de ordenar e acalmar a nossa ansiedade. Esta ordenação pode vir de diferentes formas, seja de pensamento, guiando uma linha de raciocínio durante uma fala, de conhecimento, categorizando diversos saberes dentro de páginas de livros com o objetivo de compartilhamento, ou visuais, um conjunto de memórias que remetem a uma imagem, como mesmo classificado por Wladimir Dias-Pino.

O desenvolvimento do trabalho visual teve como objetivo buscar uma classificação-chave que envolvesse todo este círculo de informação, após esta caracterização, partimos para a busca de quantas analogias com estas mesmas palavras podem gerar uma nova informação. Cadôr (2012, p.XXII) aponta isto no desenvolvimento de sua tese, sobre como os fragmentos de conhecimento podem ampliar a visão informacional daquele que busca.

Estes diversos imaginários classificados criam, em cada um, uma diferente visão sobre aquele mesmo saber. Dias-Pino em sua explicação de seu projeto da Enciclopédia

Visual Brasileira, comenta que a nossa civilização cria uma imagem para cada saber que tem, com a finalidade de desenvolver uma associação direta as referências, nesse sentido, o desenvolvimento visual deste trabalho busca o mesmo propósito, relacionar ao leitor conceitos e imagens.

REFERÊNCIAS

CADÔR, Amir Brito. **Enciclopédismo em Livros de Artista: um manual de construção da Enciclopédia Visual**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes, 2012.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes e Outros Escritos**. São Paulo: Martin Claret, 2004

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MARIMON, Marianna. **Um homem de quantidade: a Enciclopédia Visual de Wladimir Dias-Pino**. 2016. Disponível em: <<https://www.cidadaocultura.com.br/um-homem-de-quantidade-a-enciclopedia-visual-de-wladimir-dias-pino2/>> Acesso em julho de 2019.

MATTELART, Armand, MATTELART, Michèle. **Histórias das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Editora Loyola, 1999.

PEREC, Georges. **Pensar Classificar**. Editora Gedisa. Primeira edição. Outubro de 1986.

_____. **Notas breves sobre a arte e o modo de arrumar os livros**. Revista Piauí. Edição 114, Março de 2016.

POMBO, Olga. **Da classificação dos seres à classificação dos saberes**. Lisboa: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1988.